

## Seminário de Filosofia. Rio de Janeiro, 10 de maio de 2001<sup>1</sup>

Olavo de Carvalho

Eu não quis aprofundar a questão do que é o saber porque isso daria uma outra aula, mas há no site uma apostila (Ser e Conhecer 3) com uma série de notas sobre de que se compõe o saber.

Ontem falei daqueles três níveis de conhecimento: a experiência do Ser, o universo dos dados, e a síntese filosófica final - que em princípio deve ser algo compatível com a experiência inicial do Ser. Em muitos casos não é. Você vê que no curso da vida de um filósofo o próprio esforço de síntese que ele vai fazendo acaba cortando as amarras com a experiência do Ser, o sujeito acaba afirmando certas coisas que são incompatíveis com a experiência inicial do Ser. Se você pensar logo na entrada da modernidade, quando há essa disputa entre aprioristas (ou racionalistas) e empiristas. É evidente que qualquer posição, apriorista ou empirista, nega na base a experiência primordial do Ser. Quando o indivíduo acredita que pode alcançar todo o conhecimento por pura dedução - como Spinoza, que coloca certos princípios universais e vai deduzindo tudo - ele ostensivamente nega a realidade da experiência. É claro que isso é incompatível com a experiência inicial do Ser, o sujeito praticamente já a esqueceu. Por um lado pode estar construindo algo genial, mas é tudo invenção. Não tem raiz no real.

A divisão entre apriorismo e empirismo é, portanto, um exemplo. Todos nós sabemos que se você não tem nenhum princípio universal não adianta nem você ter experiência, não há como absorvê-la, agrupá-la, sintetizá-la. Por outro lado, você sabe que a idéia mesma de uma razão pura, do conhecimento por pura razão, é uma hipótese, é uma imaginação hiperbólica. Nós não podemos alcançar o discurso uniformemente coerente do começo ao fim. Isso não é nem humanamente possível nem logicamente concebível. Haverá hiatos onde entra a experiência. Quer dizer que a situação normal do ser humano é na tensão entre princípios universais e experiência. São dois extremos que você nunca atinge. Você não tem o conhecimento puramente racional e não tem a experiência pura isenta de elementos racionais ou intelectuais. Na verdade esses dois extremos são puramente imaginários. Você sabe que existe uma tensão entre o que você é capaz de captar por uma intuição intelectual, como o princípio de identidade, e por outro lado você sabe que você está continuamente recebendo dados da experiência que não vêm necessariamente no formato lógico do princípio que você apreendeu. Isso é a situação real do ser humano. Então essa própria situação, creio eu, deve ser adotada, deve ser assumida como parte da filosofia.

Aluno: isso parece tão óbvio, mas quando você fala de Spinoza, fala como se fosse uma pessoa importante. Eu acho que o fato de não achar que a realidade é diferente de um sistema é boa, mas ele me parece alguém que não está no mundo real, pode até ser inteligente mas não está no mundo real.

Olavo: Spinoza tem importância histórica, na evolução da cultura. É a característica de toda a filosofia moderna é essa, ela é toda louca do começo ao fim. Porque é sempre uma negação da experiência humana fundamental. Inclusive você não tem diálogo possível entre o filósofo e o cidadão comum. Este, por mais burro que seja, conhece essa condição fundamental da vida. Agora, o filósofo pode negar isso no papel, mas se ele negar na vida será internado. Então qual é a solução? É desenvolver um mundo de produtos culturais que nada têm a ver com a sua vida diária e pelo qual você não se responsabiliza na sua vida diária. É a famosa moral provisória de Descartes, que consiste em especular uma coisa e estar vivendo ao mesmo tempo uma vida completamente diferente, e que é colocada inicialmente como provisória, mas acaba se eternizando. Então já faz quatro séculos que estamos vivendo de moral provisória. Você não consegue justificar racionalmente os preceitos em cima dos quais você vive a sua vida cotidiana,

---

<sup>1</sup> Transcrição feita por Fernando Antonio de Araujo Carneiro - Sem revisão do professor

não consegue fundamentar as suas crenças de senso comum, mas também não consegue substituí-la por outra de sua invenção. É essa a situação na qual a humanidade ocidental tem vivido há quatro séculos.

Por exemplo, um químico é químico só durante um tempo, você não precisa desenvolver aquilo pessoalmente. Mas, ao mesmo tempo, a química não vai arbitrar outros setores da vida além dos que ela delimitou como sendo seu objeto próprio. Mas o mesmo não se aplica nem à filosofia e nem às ciências humanas. No fim das contas, elas opinam sobre tudo. Mas, se você erra a delimitação do campo inicial das ciências, acaba tirando conclusões sobre o que não é pertinente. Mas qual seria a delimitação do campo inicial na filosofia? Me parece que o assunto da filosofia é a experiência inicial do Ser. Se você saiu dela, saiu do objeto filosófico. Entrou numa outra coisa qualquer, que pode ser um produto artístico, ou algo mais ou menos assim. Se você pensar bem, o sistema de Spinoza nada mais é do que uma invenção. Esta será "verdadeira" só no sentido maximamente abstrato que você puder conceber. Ou seja, não diz respeito a nada deste mundo, não tem assunto, é um discurso poético com linguagem matemática. Agora, toda a linguagem matemática é poética, ela toda é construtivista.

Até onde você consegue contar a série dos números, até que número sabe do que é que está falando? Até que número você tem a intuição precisa do que está falando? Quando chega no nove você já não sabe. Quando chego no oito, não concebo o oito diferenciadamente, eu o concebo como dois quadrados. Então você pegou o quatro e resumiu em um símbolo e pegou o oito e resumiu em outro símbolo. Por exemplo, nesta sala há entre dez e vinte pessoas, mas você tem a intuição precisa da quantidade? Por exemplo se eu botar três gravadores aqui na sua frente - o urubu conta até três, se botar quatro ele se confunde – você capta a quantidade. O índio brasileiro pode ter um sistema de numeração que vai até cinco, mas isso também não significa que ele não consiga reconhecer números maiores, somente não consegue expressá-los. Então, o tempo todo em um raciocínio matemático você não está raciocinando com objetos que estão presentes na sua intuição, você está raciocinando exclusivamente sobre signos, na esperança de que, quando terminar o cálculo, aquilo corresponderá à realidade. Mas durante toda a operação é como você botar certos dados no computador para que ele chegue a certos resultados por certas operações. Ele não tem a menor intuição do que está fazendo mas faz as mesmas operações. Quando você calcula o seu saldo bancário, para você ele é uma realidade, porque ele não é só um número, é um limite preciso a suas ações. Você sabe que se tem tanto pode comprar isso, mais isso e mais aquilo outro, e que se tem menos pode comprar menos. Quer dizer que é uma coisa real, não é somente sua expressão aritmética, tem uma semântica. Mas também não é só a semântica, significa algo e esse algo é real, esse algo existe, são relações humanas reais, são, no fundo, relações de poder. Quer dizer que o dinheiro é um meio de ação, é um poder, então as possibilidades reais que você tem com aquele dinheiro ali estão rigorosamente limitadas. Mas o computador, quando faz a conta, isso tudo para ele não existe. Não interessa se é o seu saldo bancário ou o número de gols que você fez em cada partida, pois ele não tem a intuição. E, quando você raciocina matematicamente, o faz como um computador, está tentando imitar o computador. Por isso não se pode dizer que o estudo das matemáticas desenvolve a inteligência; ao contrário, embota a inteligência. Isso não é nem abstração, pois esta sempre tem conexão com a realidade, tem que poder ir e voltar. O conceito de vaca funciona por quê? Porque você pode, abstraído a forma vaca, fazer uma definição, e se eu te mostrar uma vaca você reconhece. Só que este reconhecimento no raciocínio matemático é totalmente irrelevante. Quer dizer que a matemática, no fim das contas, se resolve no cálculo. E o cálculo de fato não é uma operação inteligente, é totalmente mecânico. E se a pessoa se habitua com isso e acha que isso é inteligência, ela está lascada. É uma habilidade somente física, como a capacidade de aprender línguas. A pessoa aprende um monte de línguas enquanto sua memória está aberta para isso. Por isso é mais fácil ensinar para uma criança de cinco anos do que para um homem de vinte. Não faz parte da inteligência. O que faz parte da inteligência é a compreensão do que são os processos matemáticos, a compreensão do que é a língua. Tanto que é possível existir o calculador mongolóide e o poliglota mongolóide. Você dá uma conta e o sujeito faz, ou o sujeito fala

cinquenta e cinco línguas. Mas este não entende o que está falando e aquele não entende o que está fazendo. Por isso que Aristóteles dizia que o estudo das matemáticas é bom para as crianças, porque estas não têm assunto, não têm experiência de vida, não têm dados. Agora, você raciocinar sobre os processos matemáticos, aí sim. Mas aí você está estudando a lógica propriamente dita. No fim, a matemática se reduz à lógica. Nem se pode dizer que é uma lógica aplicada à quantidade, porque existe matemática independente de quantidade. No fim, é a pura lógica. Uma coisa é você saber operar com a lógica, outra coisa é você compreendê-la. Se um sujeito sabe todas as modalidades de silogismo e tal nem por isso vai ser mais inteligente do que o outro.

A lógica considerada em si mesma: vamos dizer que a lógica está para o pensamento assim como o conjunto das tintas está para a pintura. Não é nada mais do que isso. Se fosse assim um fabricante de tintas seria melhor pintor do que Rubens ou Velasquez, porque ele tem todas as cores, tem o instrumental, e a lógica é instrumental. Eu freqüentemente esqueço o que eu aprendi de lógica e faço questão até de esquecer. Porque a lógica está para o pensamento assim como a fisiologia do movimento está para a ginástica. Se o sujeito, quando faz ginástica, for pensar em fisiologia do movimento, este não sai. Da mesma forma que a gramática está para a fala: se toda vez que você for falar, for pensar em regras de gramática, não conseguirá falar. Inclusive eu sou contra ensinar para a maior parte das pessoas gramática. Você tem que dar material para ler, para que as formas se depositem sozinhas na mente do cara. Quando ele tiver essas formas organizadas intuitivamente, aí ensina-se regras gramaticais. É claro que existem pessoas que funcionam ao contrário, e vão do abstrato para o concreto. Então, para estas você ensina a regra primeiro. Eu mesmo só fui me interessar por gramática com mais de trinta anos. Aos dezessete anos comecei a escrever em jornais e o fazia perfeitamente bem, mas se me perguntassem o que é um adjunto adverbial, não saberia responder. Até que chegou um dia em que pensei: *agora não vai fazer mal esse estudo*. Mas se tivesse estudado isso antes, iria ter problemas. Porque o processo de redação, do uso da linguagem, iria se misturar com o processo de análise gramatical, e daria branco. Mas hoje já se chegou ao absurdo de se acreditar que quem deve ensinar o sujeito a pensar é o professor de português. Ele não pode te ensinar a pensar. A gramática nada mais é do que a catalogação dos fatos da linguagem. Esta poderia ser feita de mil maneiras diferentes. A maneira que é adotada é convencional e, na melhor das hipóteses, funcional. É feita apenas para tirar dúvidas em casos extremos. Então, estudos como matemática, gramática, e a própria lógica, entopem a cabeça do sujeito de forma terrível. Primeiro tem que se ver que pensar, fazer contas, ou falar, é tão natural quanto respirar. O importante é desenvolver essas capacidades no campo onde elas se aplicam. Você vai falar sobre alguma coisa, vai calcular alguma coisa, vai fazer raciocínio sobre alguma coisa.

Os esquemas que compõem o raciocínio e a linguagem devem ser estudados depois. O sujeito precisa primeiro aprender a andar para, quem sabe depois, aprender a fisiologia do movimento, mas se não aprender nunca nem por isso vai deixar de andar. Não tem coisa melhor para estragar uma ciência do que suas técnicas auxiliares. O sujeito vai fazer um curso de história e, daqui a pouco, está estudando cartografia, diplomática, numismática, e nunca pára. O número de técnicas auxiliares, a dita metodologia da pesquisa, não termina nunca, e a história propriamente dita não chega nunca. No caso da lógica, o sujeito em filosofia está indo bem e daí dão um livro de lógica matemática - *Pronto! Você inutilizou o cara!* Porque aquilo dá assunto, dá pano para manga. Então, tem que estudar essas coisas com muita prudência. Quando você sente que está entrando naquela típica combinatória mental que o tira da realidade, pára na mesma hora. Agora, no meu caso, uma das coisas que me facilitou foi a minha preguiça: quando entrava no negócio e via que ia me dar trabalho, e não ia me levar a nada, eu parava. Quando o professor foi me ensinar geometria, deu um teorema, dois teoremas, sete teoremas, até que eu disse: *Chega! Não quero saber os outros trezentos e tantos teoremas! Já entendi como funciona, já peguei o princípio. Se você for desdobrar isso tudo vai confundir a minha cabeça. Se você me der o teorema duzentos eu faço sozinho, mas se for estudar um por um vai me embolar a cabeça*. E dito e feito. Portanto, a questão não é só estudar, mas também se abster de estudar. Mas se aprende tudo isso aí só como demonstração de força, ou

então para passar no exame. Porém, uma das condições para evoluir nos estudos é desistir dos exames, pois estes foram feitos exatamente para colocar um monte de obrigações e necessidades que vão te desviar do sentido da formação da inteligência, e será uma anti-educação. Mas aí você diz que, se o sujeito não estuda, não vai tirar diploma, e não vai poder trabalhar. Mas aí eu digo que eu não tenho solução para isso. Cada um vai ter que resolver da sua maneira. Mas o fato de decidires fazer o que a escola te mandou fazer pode te aliviar a situação socialmente mas não vai deixar de te lesar intelectualmente - vai lesar mesmo. É claro que é possível existir uma educação que não produza isso. O primeiro requisito para uma educação que não produza esse efeito é acompanhar mais ou menos a curva de aprendizado daquele indivíduo. Agora, se todos têm que aprender a mesmíssima coisa, exatamente ao mesmo tempo, isso só é possível com inteligências que já estão formadas. Com um homem adulto de inteligência formada isso é importante. Se eu entrar hoje num curso de marketing cujo programa se deve cumprir em três meses posso fazê-lo todo que não vai me fazer mal, mas se estou num período de formação isso é terrificante, só pode me fazer mal.

A educação escolar nada tem a ver com o desenvolvimento da inteligência, e sim com a socialização do sujeito. Só. Não serve para mais absolutamente nada. Você vai pegar um animalzinho e vai transformá-lo num cidadãozinho, o que é quase a mesma coisa. Só serve para isso. É o lado disciplinar que predomina. Você está aprendendo a obedecer, a fazer tarefas no prazo, a pensar o que todo mundo pensa quando pensa naquilo. É como aprender a cantar em coro: você vai falar as mesmas palavras na mesma hora, tudo coordenadinho. Isso é muito bonito e serve para construir a sociedade, mas o que tem a ver com a inteligência do sujeito? Nada, absolutamente nada. Desenvolver a inteligência é você ser capaz de responder às perguntas que você mesmo formulou. É você ser capaz de descobrir aquilo que você quer saber. Pode-se ajudar esse desenvolvimento? Claro. Pode-se chamar a atenção do sujeito para certos detalhes que lhe escaparam. Porque, se você já sabe a resposta, já conhece as possibilidades de erros que o sujeito pode cometer, e então pode abreviar o caminho dele. Isso é o máximo que se pode fazer. E é exatamente isto o que estou fazendo aqui, só que com adultos que já adquiriram uma cultura. E não em nível de ensinar crianças, mas da crítica da cultura como um todo, o que é bem mais complicado. Mas, se fosse para ensinar a criança desde o início, nada mais fácil do que aquilo que ela quer aprender. É lógico que você primeiro tem que expor as possibilidades de aprendizado. Se você criar o sujeito em um meio medíocre (e é exatamente isso que acontece), compressivo, onde simplesmente não há assunto; e este sujeito vai para a escola e lá tem que aprender um monte de coisas que escapam totalmente do círculo da sua vida e de cujo significado ele não faz a menor idéia. E aí toda a semântica vai para o brejo. Você está acostumado a lidar com esquemas cujo significado lhe escapam por completo. Por exemplo: qual o sentido de ensinar história para um garoto de dezoito anos? A história lida com personagens adultos, as crianças não têm história, podem ter uma história sociológica - como no livro de Mary del Priore -, mas é uma história de um ser passivo, de como as crianças sofriam. A história é assunto de adulto, como uma criança pode entender uma decisão de Napoleão Bonaparte? Em geral o homem adulto médio não consegue entender. Agora, se você não entende as decisões dos personagens você não entende a história. Isso vale para qualquer personagem. *Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil*. O que ele veio fazer aqui? Por que estava aqui? O que significava aquele negócio? Por que o sujeito se meteu nessa? Na hora que você decora uma frase como essa, *Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil*, já fez um dano à sua cabeça que vai durar para sempre, porque isso só tem realidade linguística. Você vai acabar fazendo a imagem física, como uma criança que pensa que descobrir é retirar uma cobertura que estava sobre o lugar. Na verdade ele não descobriu Brasil nenhum e sim um território qualquer, o qual bem mais tarde veio a se chamar Brasil, e se tornou uma unidade política. Então ele não pode ter descoberto o Brasil, porque este não existia. Se lhe perguntassem o que ele descobriu, diria: *sei lá, uma terra com uns índios pelados, uns caras malucos, cheia de papagaios*. É isso que ele descobriu efetivamente. Quando você diz que ele descobriu o Brasil, sendo que este é o nome de uma unidade territorial constituída muito mais tarde ao longo de guerras e outros eventos, do qual Pedro Álvares Cabral não veio a ter a menor idéia, está dizendo que ele descobriu um

negócio que nunca ficou sabendo o que era. Você veja que esse tipo de frase, tipo elípticas, é isso aí que treina um sujeito para mais tarde aceitar argumentos do tipo Marilena Chauí.

A história não pode ser um conjunto de emblemas convencionais. Pois, dessa forma, seria uma ritualística, uma mística. Portanto quando você está ensinando história está ensinando a mística cívica, só que não com este nome. Então você vai incapacitar esse cidadãozinho a entender o que é história. Vai usar o nome de história para passar a mística do civismo, da pátria. Para uma criança essas coisas vão adquirir uma realidade substancial que não têm efetivamente. E isso é impreenchível, porque o número desses esquemas adquiridos no primeiro ano de escola é muito maior do que se poderia preencher durante mil vidas. A alternativa é só ensinar o que é compreensível. É claro que existe uma parte da educação que é disciplinar mesmo e que consiste em te meter um símbolo na cabeça que não vais compreender nunca. *Jesus Cristo morreu na cruz e ressucitou*. Você não vai entender isso aí, mas não tem importância, porque ninguém entende mesmo. Isso aí você está falando de um livro ritualístico-simbólico mesmo, agora você transformar eventos da vida civil brasileira em mística é entupir a cabeça dos outros de bobagens. Quanto tempo você vai levar para preencher isso de conteúdo, isto é, quanto tempo será necessário para você entender do que estão falando? Eu contei o que aconteceu comigo com o negócio do ponto em geometria: levei vinte e tantos anos para entender do que estavam falando. O professor falou: *um ponto é algo que não mede nada e uma reta se compõe de pontos*. E, imediatamente, a reação de uma inteligência sã é pensar: *o que quer que se componha de coisas que não medem nada não medirá nada*. Não é essa a reação normal? Ou seja, o sujeito me ensina um preceito de geometria que contraria um preceito de lógica elementar e lógica instintiva. Para você operar com o restante da geometria que vão te ensinar vai ter que engolir essa. Mas aí é para desenvolver o raciocínio lógico ou é para ensinar a obedecer um raciocínio ilógico? Ou uma coisa ou a outra. Obedecer o que é ilógico é *Jesus Cristo é filho de Deus, morreu, foi enterrado, ressucitou ao terceiro dia, subiu aos céus, não entendi nada disso mas aceito porque isso me traz um prêmio espiritual e gera outros conhecimentos dentro de mim*. Agora, fazer a mística do ponto, reta, plano, é tratar esse assunto como se fosse religião. E isso vai atravancando. Essa do ponto, por exemplo, eu continuei elaborando e pensando até descobrir a solução, mas quantas outras me fizeram engolir sem eu nem perceber que eram raciocínios elípticos desse tipo?

É por isso que a idéia de educação universal, de educação para todos, é em grande parte uma fraude. Você vai estupidificar as pessoas. Ao invés de ele ir aprendendo à medida em que pode compreender, vão colocar um monte de fórmulas que não apenas são incompreensíveis mas são absurdas. Que a inteligência que consiga sobreviver a isso é um milagre. Quer dizer, o sujeito continua querendo compreender mesmo tendo sido habituado a não entender absolutamente nada.

Vamos supor que seja uma solução você ser cínico e só querer passar no exame. Isso também é uma anti-educação. A única solução é a que eu dei. Eu me educo a mim mesmo. Se pelos frutos os conhecereis então acho que obtive melhores resultados. Agora, eu não posso recomendar isso aí como método, porque nem todo mundo tem a capacidade de aprender sozinho. Eu acho que sai dessa quem for muito sortudo, ou quem for muito desatento, quem puder fazer um monte de coisas no piloto automático sem prestar atenção e esquecer tudo no dia seguinte - é quase um milagre. Agora, se você não levar a sério, isso não será solução, isso também fará mal. Para você não entrar nisso tem a solução que eu achei para mim: eu vou levar a sério, o que aprender vou aprender mesmo, e já que eles não são capazes de me dar eu mesmo vou procurar. Paguei o preço para isso. Mas não posso recomendá-lo como norma. Porque a capacidade de autodidatismo é um talento específico, como pintar, fazer música, nem todo mundo tem. A maior parte das pessoas não é capaz de tocar violoncelo, e a maior parte das pessoas não é capaz de aprender sozinho. Então, para a maior parte dos sujeitos, é preciso uma tradição da educação. E, para isso, é preciso que os que conseguiram aprender sozinhos criem uma nova tradição da educação. É o único jeito e é exatamente o que estou tentando fazer. Essa toda que está aí é monstruosa, foi feita para adestrar cidadãos para não entender nada e, na melhor das hipóteses, quando o sujeito é muito saudável, consegue não prestar atenção a nada,

viver uma farsa e no fim ele virou um farsante. Daí vai ter que passar anos se corrigindo. Por exemplo, a falsa atenção: um dia a minha mãe veio me acordar, fingi que acordei, e comecei a conversar com ela dormindo, mas levava meia hora de papo e ela achava que eu estava acordado, mas estava dormindo e não fazia a menor idéia do que estava falando, apesar de as respostas fazerem sentido. Isso é um tipo de fingimento. Mas o sujeito que passasse cinco, seis, sete, vinte anos na escola fazendo isso, imagine o dano que ele faria com si mesmo. Muito do irrealismo brasileiro, fantasista, mentiroso, hipócrita, é fruto do nosso tipo de ensino.

Eu me lembro que um dia peguei um livro de história usado na educação média americana, um livro do Henry Steele Commager, que é um grande historiador americano, e era um livro para garotos de doze anos. Eu, a partir daquele momento, não quis assistir aula de história, porque esse livro botava você na situação real do personagem, e fazia você imaginar a situação e o que deveria fazer caso estivesse naquela situação. Então só de ler isso aí eu percebi que os personagens históricos são reais e fazia anos que estavam me falando de fantoches. Deste jeito eu iria desaprender, pois é lógico que a história tem que ser assim, tenho que entender o que o sujeito fez. Depois de vinte anos você vai ler o Weber e vê que os motivos alegados pelo personagem para si mesmo para fazer isso ou aquilo são a base da história. Se você não vai ensinar isso é melhor não ensinar nada, porque aí você vai ensinar uma sequência de palavras - não são nem de atos, nem história - que não significam nada, que tratam de personagens que não existiram, que não podem existir, e são, não apenas irreais, mas impossíveis. Isso é um problema que acontece aqui nesse país, não no mundo inteiro. Então eu percebi que precisava desta educação, e se ninguém me dá vou procurar sozinho, vou catar nos livros. Agora, nem todo mundo nasce com capacidade de educador, que também é uma capacidade específica, e muito menos de auto-educador. Portanto quem sai inteiro dessa? Bom, eu saí. Diante de certas metérias eu decidi que não ia aprendê-las. E não adiantava nem tentar me convencer. Agora, as matérias que não me faziam mal, eu aprendia. Eu aprendi biologia, porque o professor de biologia nos levava a entender os processos e então víamos aquilo acontecendo e entendíamos. A noção de ciência aprendi com ele. E aprendi latim. Foram as duas únicas matérias que aprendi no ginásio. O resto, como o Garcia Lorca, *Yo no quiero verlas*. E enquanto puderam florear essa situação floream. E achavam impossível um cara que tirava dez em latim e zero em português. Mas eu simplesmente não queria aprender, não queria ouvir o que o professor estava falando, era uma auto-defesa da mente. E acho que isso aconteceu no meu caso porque comecei a entrar na vida tarde. Os meus sete primeiros anos de vida passei na cama doente delirando. Então quando começaram a tentar me educar já era muito tarde. Ao passo que os outros pegaram quando eram bebês. O Millor Fernandes diz na biografia dele que nasceu aos oito anos de idade no Rio de Janeiro, mas isso aconteceu comigo, eu nasci aos sete anos de idade, não tinha vida civil antes, só tinha vida natural. Então, quando fui virar um cidadãozinho, já tinha uma base física de sete anos, e não tinha aquela capacidade que os outros tinham de aceitar o que as pessoas falavam. Pelo contrário, estranhava. Então se eu queria aprender uma coisa eu aprendia com muita facilidade, mas se não queria não tinha jeito, era impossível me ensinar. Isso é uma auto-defesa. E eu vejo que isso me preservou de um sistema monstruoso de emburrecimento de crianças. E é por isso mesmo que estou dando esse curso aqui. Estou tentando passar para vocês um outro jeito de aprender. Qual é o jeito? Salvar as criancinhas. Não aprenda o que você não compreende a não ser que aquilo seja estritamente necessário para a sua sobrevivência física imediata. Agora eles vão te ensinar um monte de coisas que dizem que vão ser necessárias para você, aquilo vai te fazer mal, e você nunca vai precisar daquilo, estão te enganando.

Procurei muita coisa sobre o ensino secundário em outros países quando era adolescente. E fugia da escola para ir à biblioteca municipal para ficar lendo isso. Então vi que eu não estava tendo educação mas a educação existe. Eles não estão me dando por quê? Porque eles também não conhecem. Eu ia reclamar deles? Não podia reclamar deles, ou ficar revoltado com eles. Você vai ficar revoltado com a burrice do sujeito? Ele vai ficar inteligente só porque você ficou revoltado? Não há o que fazer, não adianta brigar com eles, tenho que dar para mim o que eles não deram. Por exemplo, o dia que eu percebi que em educação literária há obras que, se lidas,

criavam um padrão de exigência que te faziam não aceitar o que era pior que aquilo, enquanto havia outras que, ao contrário, te corrompiam. Eu me lembro que quando estava lendo Goethe na escola estavam mandando ler Joaquim Manoel de Macedo, e cheguei no terceiro capítulo de “A moreninha”, e decidi não ler mais, disse para a professora que não ia ler e que podia me dar zero, porque eu estava lendo outra coisa que me interessava, e que eu não estava pedindo para os outros seguirem meu exemplo. E nunca mais eu voltei ao Joaquim Manoel de Macedo. José de Alencar eu fiz várias tentativas e não consegui. Agora, nunca me recuperei do trauma de Joaquim Manuel de Macedo. E ninguém que fosse são podia se interessar por aquilo, porque não dizia respeito a nada. Isso foi apenas uma esquisitice que aconteceu há cem anos com um cara que eu não conheço e não me interessa. Mas um garoto de quinze anos vai ler Doistoiowski, ele sabe que este está falando de uma coisa que existe. Então você tinha que fazer a educação com base nisto aqui. O sujeito que foi educado lendo Goethe, Doistoiowski, pode depois ler “A Moreninha” mas eu não posso que fiquei traumatizado e não me curei do trauma até hoje. Agora, dizem que temos que valorizar o autor nacional. Mas o que a criança tem a ver com o autor nacional? Por que a criança tem que pagar por ser brasileira? A estrutura do ser humano é a mesma aqui, na China, na África, no raio que o parta, então os processos de aprendizado devem ser substancialmente os mesmos. Então você deve dar a ela aquilo que vai ajudar em sua educação e não aquilo que vai ajudar o país. Mas aí dizem que estão querendo ser patriotas, mas os adultos que resolvam isso, que arquem com isso e não a criança. O resultado é que a criança não pode absorver o patriotismo porque este já é inculcado nela como uma coisa corruptora desde o início. Você não pode fazer o patriotismo na base de símbolos nacionais convencionais, não pode ser assim. Agora, você tem que estudar autores estrangeiros, mesmo que em traduções. Você não pode formar o gosto literário da criança na base do Joaquim Manoel de Macedo. Isso é evidentemente uma brutalidade. Mas isso é feito por quem também não tem gosto literário algum e assim você vai passando a ignorância de geração em geração, porque o ministério mandou. Assim você está usando as crianças como instrumento de formação ideológica, ou é patriotada do estado novo, ou é agora essa bobagem de sem terra. Estão sempre preocupados em usar a criança e ninguém está preocupado com a educação dela. Educar para essa turma é tornar essas crianças iguais a eles. Você quando crescer vai ser o José Serra. Você vê que a civilização aqui ainda não começou.

Aluno: eu outro dia no trabalho estava pesquisando em livrarias portuguesas porque eu estava querendo comprar o Organon aristotélico e não consegui de jeito nenhum e comecei a reclamar que queria ler Aristóteles em português, não mais em inglês, e que esse país não existe, e um cara me olhou e disse que eu não devia falar assim, como eu podia dizer aquilo,

Olavo: mas é assim mesmo. Agora se você quer passar um patriotismo para o cara tem que começar passando alguns valores que ele reconheça na vida diária. O que significa você ser brasileiro, argentino, americano concretamente falando, ou seja, qual é a vantagem de você morar aqui? É claro que há algumas vantagens. Então porque não constrói essa imagem patriótica em cima dessas vantagens? Agora, querer valorizar um autor de quinta categoria pelo simples fato de ele ser brasileiro é o mesmo que cuspir na literatura do Brasil. Vai funcionar ao contrário. No futuro, as pessoas, quando ficam adultas, têm horror à leitura, porque ler é uma atividade insensata que faz mal para a cabeça e a pessoa ainda acha que deveria querer e se sente culpada. Mas fazem muito bem em não ler. Neste país as únicas pessoas sensatas são os analfabetos, os que fugiram da escola, porque da classe média para cima são todos loucos. O que se está fazendo aqui, desde que o Brasil existe, na área da educação é uma monstruosidade. É coisa que vai impedir que o país se eleve. Agora, vende-se muito livro no Brasil, mas você pergunta para quem conhece quantos livros leu no ano. São pouquíssimos. As pessoas compram porque acham que deveriam “gostar de ler”. Então é uma obrigação ritualística, é um sacrifício. Precisa comprar um monte de livros porque um dia você vai gostar de ler, ou seu filho vai gostar de ler. Você detesta mas quer que seu filho goste de ler. E ele vai fazer o mesmo com o filho dele. Mas é óbvio que não se pode gostar de ler, é anormal gostar de ler. Você tem que ler aquilo que te interessa. A

idéia de gostar de ler é um conceito errado. Ninguém gosta de ler. Tem coisas que você quer saber. Você está lendo a estória do Sherlock Holmes, está gostando de ler? Não, é porque você quer saber a estória, você está seguindo a estória, não está pensando na leitura em si. Gostar de ler não é natural, não é bom gostar de ler. É o desejo de saber. O ler é meramente instrumental. É que para um ler o outro tem que contar uma estória. Só um idiota pode gostar de ler. Se tiver um outro jeito de saber é melhor. Ler cansa os olhos, é um negócio chato para caramba. Mas o fato é que não existe outro jeito, e então você vai ler aquilo lá. É como aquele livro do Coomaraswami, “The babel”, que é contra a alfabetização, e tem toda a razão. Em parte todo o ciclo moderno tem essa característica, mas em países mais antigos foi tomada uma série de providências para preservar o que tinha de cultura, então sempre sobra alguma coisa. Mas aqui você não tinha nada, então nós só temos essa parafernália moderna adaptada às circunstâncias de um país que não existe historicamente e quer fazer as pessoas acreditarem que aquilo lá é muito importante. E depois você viaja e descobre que os americanos pensam que a capital daqui é Buenos Aires e acha que eles são burros. Mas não, é que isso de fato não tem a menor importância. Qual é a capital de Serra Leoa? Ninguém sabe mas você não vai dizer que é analfabeto. E quem te disse que o Brasil é mais importante que Serra Leoa? Ele pode ter se tornado importante geopoliticamente e só. Porque tem minério, tem isso e mais aquilo. Então é o que Hegel falou, que a América Latina não tem história, só tem geografia. É importante geograficamente. A nossa história ninguém vai precisar saber nunca, não se integrou na história universal. E se nós não temos capacidade de engolir essa realidade então não vamos começar essa história nunca. Se você quer que isso aqui tenha importância universal faça algo de importância universal, se for capaz. Senão, não fique exigindo que dêem importância a algo que realmente não tem. Porque seria importante os americanos saberem qual é a capital do Brasil? Dê-me meio motivo para ele saber isso. As notícias que chegam lá nunca são as da capital, é só que mataram tantos em Eldorado dos Carajás, ocuparam uma fazenda não sei onde, é isso aí. Só coisas curiosas que chegam lá. Eles sabem mais de índio brasileiro do que da história do Brasil.

Então para você evitar tudo isso é só seguir a curva mais ou menos natural de aprendizado do sujeito e não tentar meter na cabeça dele uma coisa que ele não quer saber. Agora supondo que a criança viva em um ambiente onde esses dados já circulem entre seus pais, é natural que ela queira saber. Agora, você não pode pegar um garoto da favela que vive em um ambiente compressivo, um ambiente de chumbo, e querer que ele se interesse por essas coisas. Quando a gente faz esse exame da cultura moderna, isso tudo foi uma coisa que se passou lá longe, aqui o que se passa é um reflexo tão distante disso aí que às vezes fica até difícil as pessoas entenderem o que se passou. O que nós estamos vendo hoje, esse negócio de marxismo, no RS eu fui em um congresso de economia em que havia um economista da Usp e um argentino. O cara da Usp veio com toda aquela conversa marxista, e no fim o argentino falou que tinha tido uma extrema dificuldade em dialogar com o cara, porque teve que puxar do fundo do baú todo esse papo marxista que já saiu de circulação há mais de dez anos na Argentina. Isso mostra como nós estamos colocados à margem. Nós não estamos sabendo do que estão falando em outros lugares do mundo. Todo o nosso marxismo não é nada mais do que o reflexo longínquo de decisões imperialistas que você nem conhece. Eles decidiram que nós vamos ser marxistas, socialistas. Quer dizer, a nossa situação é extremamente humilhante. Então quando você está numa situação humilhante o que você deve fazer é sair dela realmente e não ficar sonhando com outra, comer mortadela e arrotar Perú. Você tem que comer o Perú realmente.

Outro dia eu recebi um convite para dar uma palestra numa universidade daqui do Rio onde estudam os meus escritos do ponto de vista da técnica da argumentação. Realmente acreditam que isso existe, que existe uma técnica da argumentação que você pode aprender para daí argumentar o que quiser. Mas isso é de um primarismo brutal. Quer dizer que você acha que as técnicas de argumentação são transportáveis desse conjunto de idéias para outro completamente diferente. Você copia a argumentação de Hegel e acha que assim pode fazer a filosofia contrária. É absurdo. Para isso você tem que inventar as técnicas contrárias. Não existe isso aí. E isto é a universidade, acreditam nisso aí. É como se fosse técnica oratória, você faz um

curso de oratória para aprender a falar em público, influenciar pessoas. É infame. O estudante universitário com mentalidade de cursinho de vendedor. O que nós estamos tentando fazer aqui é fundar uma nova cultura, começar de novo, deu errado, é claro que deu errado, tem que começar esse trabalho. Tudo isso que aconteceu aqui foram reflexos de modas que quando chegaram aqui já estavam esquecidas. Quando fizemos uma revolução positivista aqui, ninguém mais se lembrava do que era positivismo na França, e agora nós vamos fazer uma revolução marxista e ninguém mais lembra o que é marxismo, só aqui. E já estão fazendo, estão arrumando emprego para toda a nomenclatura, e quando todos eles estiverem empregados estará feita a revolução. A revolução do Gramsci é isso mesmo. Não é contra o estado, é para dentro do estado. E estão fazendo isso nas nossas barbas. E todo mundo achando isso lindo. Agora, ninguém mais pensa nisso. Nem na Europa e nem na África. Nós estamos repetindo o mesmo padrão de sempre. Por isso que a minha receita era outra. Nós não temos que refletir sobre a cultura européia ou americana do momento, mas refletir sobre dez mil anos de cultura. Nós temos que pegar tudo desde o começo. E o que foi pensado historicamente você aplica a simultaneidade. Então você vai colocar o seu pé em cima da herança mundial e não da cultura européia do momento, que é a coisa mais ilusória. Você está lá seguindo Sartre há vinte anos, e ele sumiu e ninguém mais sabe que é e você repetindo aquela patavilha toda. Quanto mais antigo o material que você for estudar melhor para você, porque isso quer dizer que durou mais. E portanto a possibilidade de ele sair de moda é menor. Confúcio não vai sair de moda, e Lao Tse também não. Então pronto, é isso aí que você tem que estudar. E o Michel Foucault, bom, agora já acabou. E Herbert Marcuse? Se perguntar para a molecada o que é Marcuse ninguém sabe o que é, então porque vai perder tempo com esse cara? Essa mania de estar atualizado, de ter que acompanhar o que se passa nos grandes centros, onde se passam milhões de coisas na base da espuma, da periferia, e que não interessam, é besteira. O que interessa é o que está no fundo e que continua. É só isso que interessa, é o que é herança. O resto é capital de giro.

Dentro dessa linha que temos que entender esse negócio aqui. Nós vamos fazer uma história da filosofia, e vamos fazer como? Nós vamos partir do ponto de vista que filosofia é isso em que se transformou agora? Não. Porque o famoso raciocínio de Hegel de que uma coisa é aquilo em que ela se transforma só vale para a natureza. Uma semente de laranja é uma futura laranja que se plantarmos não vai dar abacaxi ou manga. Ela tem um processo linear de desenvolvimento. A forma final que ela adquire expressa de fato a sua essência originária. Mas em tudo aquilo que você não tem um desenvolvimento linear previsível esse raciocínio é pura fraude. Curiosamente Hegel usa esse raciocínio especificamente para a história, que é onde ele não pode aplicá-lo. Se ele fizesse isso na filosofia da natureza seria maravilhoso, mas não precisava, porque Aristóteles já tinha feito. Então ele pega o raciocínio que Aristóteles usava para a natureza que é de que a essência inicial, o *thelos*, a entelequia, aquilo para o qual a coisa tende, e aplica ao domínio histórico, onde, não tendo essa continuidade, você nunca pode dizer que o resultado final foi a manifestação da essência. Porque primeiro que em história as essências não são puras e incomunicáveis como uma semente de maçã e uma semente de laranja. Agora vamos supor que misturemos geneticamente todas as sementes e que não existem mais sementes puras, somente mistas. Daí isso não se aplica mais à filosofia da natureza, é óbvio. Mas no campo das ações humanas a coisa já é assim. Porque quem disse que uma ação que você começa inspirado numa idéia é dirigida por esta até o fim do processo? Quem garante que não houve enxerto e que a coisa enxertada não veio a ter mais influência? Isso quer dizer que em história, longe de você partir do princípio de que a coisa estudada está bem representada na sua forma final, tem que se fazer justo o oposto e partir da idéia inicial e ver as transformações que essa idéia foi sofrendo. Só o que interessa é a primeira. Pode ser que a forma final seja tão diferente da originária, não porque a essência originária se transformou em outra coisa, mas porque foram enxertados outros projetos que não têm nada a ver com aquilo, mas que se apropriaram do nome, do vocabulário e começaram a fazer outras coisas sob o mesmo pretexto.

Se você for ver na história da filosofia o que acontece é exatamente isso. Há vários projetos que vêm de fora e que não podem ser explicados como desdobramentos da essência

originária, mas que de algum modo se mesclam a ela e produzem uma terceira coisa. Por exemplo, quando se fala a expressão filosofia cristã, já dá para ver que coisa esquisita é essa expressão, porque a fonte de onde vem a filosofia não tem nada a ver com a fonte de onde vem o cristianismo. E o projeto cristão não tem nada a ver com o projeto da filosofia. No entanto, em algum momento da história, inventaram um jeito de fazer as duas coisas ao mesmo tempo. É claro que isto já não é mais aquilo que se chamava de filosofia, e, no entanto, não é uma coisa totalmente diferente. Vamos supor que o projeto da filosofia cristã tivesse continuado e dominado o mundo. Só haveria duas versões, a filosofia antiga e a filosofia cristã. Só teria sofrido essa alteração. É claro que esta já não vai mais poder ser explicada como uma mutação interior da idéia originária. Não foi uma evolução da filosofia, foi uma modificação da filosofia. Mas, além deste, houve mil e um enxertos. Então isso quer dizer sumariamente que o estado atual da filosofia reflete mil e uma “essências” que não têm nada a ver com filosofia. São outras coisas. Então uma vez descrita essa sucessão de mutações históricas o que você vai ter na mão não é uma explicação e sim um problema.

O primeiro problema é o seguinte: que outras evoluções esta coisa poderia ter tido e por que teve exatamente esta? Por que os enxertos foram esses e não outros? Outro dia eu recebi um livro, “Antologia da Filosofia na Pérsia”, organizado pelo Seyyed Houssein Nasr. Quando você vê o tamanho da filosofia persa e vê que nada chegou aqui. Está chegando agora e as pessoas nem se tocaram ainda. Porque de tudo isso que estava acontecendo no mundo islâmico só chegou até nós Averróis e Avicena? Foi uma coincidência, alguém traduziu esses e não os outros e ninguém se lembrou de ir saber se havia mais. E se tivesse acontecido? E se tivesse havido um diálogo permanente? Este diálogo não existiu porque as duas civilizações, cada uma seguiu um rumo e nenhuma quis saber da outra. Não foi nem um filósofo que decidiu que a filosofia persa não tinha importância. Aconteceu, por fatores totalmente extra-filosóficos. Então hoje no estado atual da filosofia você não encontrará as marcas da filosofia persa. Você já tem dois mundos filosóficos quase incomunicáveis. Isto estou falando eu porque tive interesse em ver isso aí, mas para as instituições universitárias em geral isto continua não existindo. Então como vamos fazer a nossa história da filosofia? Chega um momento em que tem um contato ali e depois desmembra e não tem mais nada a ver um com o outro e no século vinte, por uma coincidência, o Henry Corbin, que foi embaixador na Pérsia, se interessou por isso e começou a traduzir os livros. Qual a história da filosofia que nós vamos fazer? Vamos pegar a linhagem ocidental, a oriental, ou as duas? Só que a partir de um momento já não é mais uma história, são duas, duas evoluções completamente autônomas. Isso quer dizer que ninguém chegará a ter uma idéia do que é filosofia se você partir do estado atual da filosofia. Esta só existe, só tem unidade conceptual, como a unidade do projeto originário. Essa é a única unidade que tem. O resto foi todo determinado por uma sucessão de interferências totalmente extra-filosóficas. Ou seja, na medida em que um empreendimento qualquer do pensamento humano se refere a esse projeto originário e intencionalmente se oferece como continuador daquilo, bom, pode até ser filosofia, desde que você parta do princípio de que o sujeito não está enganado, e que não está fazendo outra coisa e a chamando de filosofia. Por outro lado se você disser que não existe essência da filosofia então como você poderia definir o campo, a amplitude da sua bibliografia? Você poderia acabar incluindo a obra de Paulo Coelho no estudo da história da filosofia, ou o regulamento nacional de estradas de rodagens. Quer dizer que alguma idéia da essência você tem. *Mas você pode adotar uma idéia convencional e em seguida coletar os dados históricos.* Só que você não vai fazer isso. Se você fixar um conceito convencional, você não vai colher os dados de acordo com esse conceito, vai continuar coletando-os aleatoriamente porque você sabe que o conceito é convencional. Então não tem jeito. Para fazer a história da filosofia tem que se ter uma idéia da essência da filosofia. E que essência você tem? Somente a do projeto originário. Então, toda a história subsequente não pode ser explicada como desdobramento da essência originária, mas não faz sentido, somente pelo confronto com ela. Porque senão seria história de alguma outra coisa. Para que a história da filosofia seja uma história da filosofia mesmo é necessário que de algum modo seja referida a algo chamado filosofia. É claro que o projeto originário tem um primado sobre os outros. Os outros

se chamaram filosofia por causa dele e não o contrário. *Você não vai dizer que Sócrates falou isso ou aquilo imaginando que no século dezesseis Descartes ia dizer isso outro e aquilo outro.* Certamente não foi assim. Se ele falou que era filosofia o que estava fazendo, falou isso com uma intenção específica, e esta é que é o projeto filosófico. Então tudo tem que ser referido a isso. Mas nunca como desdobramento lógico e sim como confrontação de vários projetos. Dado um projeto originário, a geração seguinte pode tentar continuar do mesmo jeito que foi proposto, ou pode tentar continuá-lo por outros meios, ou pode desistir e tentar fazer uma outra coisa, ou pode inventar um outro projeto substitutivo, ou pode inventar um outro projeto substitutivo e tentar aproveitar os anteriores e fundir, e assim por diante. Tudo isso pode acontecer. Ou seja, a evolução da filosofia é a evolução de qualquer outro projeto humano, o que quer dizer que, à medida que vai passando o tempo, sofre transformações internas e externas. É só isso que pode nos dar uma idéia da unidade da história da filosofia. Por isso, mais do que nunca, é absolutamente necessário o sujeito confrontar o projeto originário e a situação atual, porque o fato é que não estamos na situação originária, estamos na situação atual. E os dados da situação atual estão na sua frente de algum modo. Quando as pessoas falam hoje de filosofia, não falam com a intenção de Sócrates, falam querendo se referir a uma atividade profissional e acadêmica que existe hoje. Então você também recebe o impacto dessa idéia ambiente, a sua compreensão do projeto originário também já não é direta, é comparativa. Confronta o que estão dizendo de filosofia com o que Sócrates disse. Então este é o começo do estudo de história da filosofia. E, no fim das contas, será o fim. O que era para ser e o que ficou, quer dizer, aquilo deu nisso. Então vamos à leitura.

**A noção de *sabedoria* abrange, numa síntese inseparável, ciência, essência, consciência e existência. O sábio não apenas possui o conhecimento do essencial, mas reconhece nele a essência da sua autoconsciência e o manifesta na sua existência enquanto forma humana do essencial. Uma existência na qual se torna visível a autoconsciência do essencial é, sob todos os títulos, uma *imago Dei*.**

Então, você não compreenderá uma linha do que Platão, Aristóteles e Sócrates falaram se não tiver presente a idéia de que para eles essa figura do sábio era real. Mesmo que esse sábio fosse uma criatura divina era ponto de referência constante. Eles acreditavam que existe uma sabedoria. Por exemplo, o que seria essa sabedoria? Antígona alega a existência de leis não escritas que se sobrepõem às leis escritas. Há leis não escritas que são eternas e que têm mais autoridade que as leis escritas. Então isso seria um sinal de que existe uma sabedoria. Quem é o portador dela? Isso é o segundo problema. O portador dela é o sábio, mas o fato é que ela existe. E antes de pensar na existência de um sábio você precisa acreditar que existe a sabedoria. Então a crença na existência da sabedoria estava disseminada em todo o ambiente e todo o mundo acreditava nisso. Tanto que se você pegar todo o teatro grego, todo ele é baseado na idéia de que a vida humana está sujeita a determinadas leis que não foram inventadas por ninguém. A própria trama essencial da tragédia é uma violação involuntária, não culpada, inocente, da regra universal. Agora, se isso aparecia como fundo em todo o teatro é sinal de que pelo menos toda a classe letrada acreditava que isso existia. A sabedoria então se identifica de certo modo com a própria estrutura da realidade. Ela já está aí e está colocada diante de nós como uma realidade tal como para nós hoje a existência do mundo físico é uma realidade. Quando se fala em buraco negro hoje ninguém pensa que este é uma criação cultural, que é algo que alguém inventou. Não, você pensa que é alguma coisa que existe, é uma realidade física. Então para o grego essas leis não escritas eram exatamente como o buraco negro. Eles não eram mais fantasistas do que nós, pois eu acho que acreditar em sabedoria é a mesma coisa que acreditar em buraco negro. Ninguém nunca viu a sabedoria, mas também nunca ninguém viu um buraco negro. Você sabe que existe por conjecturas lógicas que você faz. Eles acreditavam não apenas que essa sabedoria existia mas que

---

<sup>2</sup> Os trechos em negritos foram retirados do texto “Notas para Introdução à História Essencial da Filosofia”, publicado em [http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/hef\\_notas.htm](http://www.olavodecarvalho.org/apostilas/hef_notas.htm)

se oferece a você de maneira formulável, ou seja, você pode dizer as leis da sabedoria universal. Disso também nunca ninguém duvidou na Grécia. Agora, como é que você pode dizer as leis da sabedoria se elas em si mesmas nada dizem? Se essas leis fossem totalmente alheias ao universo do discurso humano, se elas fossem apenas uma realidade física totalmente externa, não seriam inteligíveis. Seria como botar uma pedra na frente do cara e perguntar o que ela está dizendo. Você pode inventar uma teoria sobre a pedra mas se você perguntar ela não vai falar. Isso quer dizer que embora os entes da natureza por si mesmos sejam mudos, a presença da natureza como um todo não é muda, mas te diz alguma coisa. E é imediatamente apreensível pela mente humana, tanto que não só alguns que a conhecem, quase todos a conhecem e os que não conhecem são tidos como anormais. Isso quer dizer que o grego vive em um universo falante. E o universo fala o quê? Os decretos da sabedoria. Então admite-se que esses decretos da sabedoria, embora sejam acessíveis ao ser humano em geral, são mais acessíveis a certas pessoas. Tem certas pessoas às quais a natureza falou algo que não falou aos demais, como o oráculo. Se você vai fazer uma pergunta ao oráculo e este interroga as estrelas ou a direção do vento ou qualquer outra coisa, é porque a natureza falou algo a ele que não falou para você. Isso também está presente nos gregos. Então o que é o sábio? É aquele ao qual a natureza falou muito mais do que falou a todos os outros. Se não existisse nenhum sábio a natureza seria incognoscível. Então a crença na existência da sabedoria e do sábio é básica para existir a filosofia.

Quer dizer, existe a sabedoria e existem sábios, mas nós não somos sábios. Nós estamos investigando, estamos tentando fazer com que a sabedoria se revele, se abra, de alguma maneira. Nós a contemplamos. Somos como os amantes de espetáculos de que Platão fala, que gostam de ver. Sem isso aqui você não entende nada do que esses gregos estavam falando, pode estudar filosofia grega o resto da vida, não adianta nada. Como alguns que lêem os filósofos gregos, sabem grego, mas não entendem uma coisa tão elementar como essa aqui. Por quê? Porque o que estudam não é o conteúdo do saber grego, é a ciência e arte gregas como fenômeno cultural que se passou há vários anos. Hoje em dia é possível você estudar o Platão inteirinho e fazer teses universitárias inteiras sobre Platão sem ter que se posicionar uma linha sobre os objetos de que Platão falou. Você é especialista em Platão, mas se perguntarem se Platão tem razão nisso aqui ou não, vai dizer que não faz parte de seus estudos, de seu assunto. Então você não está estudando filosofia, está estudando cultura filosófica. E uma injeção de cultura filosófica na sua cabeça vai lesá-lo, vai vaciná-lo contra o exercício filosofia para o resto de sua vida. Então se você vai estudar a filosofia de um filósofo só uma coisa interessa: o “de quê?” ele está falando, e se isto de que ele está falando é verdadeiro ou não, e se pode ser vivenciado como verdadeiro por você aqui e agora. Se você não consegue atinar isso nele não passe para o capítulo seguinte. Platão diz que existem as tais formas eternas, as idéias eternas, mas como é isso aí, existem ou não? No máximo você pode adquirir um pouco de cultura em torno para você esclarecer melhor a idéia, mas se você não é capaz de se posicionar pessoalmente em relação a isso, então o objeto de que ele está falando não existe para você, só existe o discurso dele. É como se você pegasse o cd e fosse estudá-lo do ponto de vista do eletromagnetismo. Você vai ficar sabendo muita coisa. Mas se for um cd de música de Bach, o que a música de Bach tem a ver com isso? O que você vai ficar sabendo da música de Bach? Nada. Você vai ficar sabendo de outra coisa, mas se você chamar isso de música é porque é muito burro. E o que fazem hoje com a filosofia é exatamente isto. Cultura filosófica não tem nada a ver com filosofia. Tem a ver com o veículo através do qual se passa o conhecimento de certas coisas, mas e estas coisas das quais estão falando, você não sabe nada a este respeito. E qual é a sua conclusão pessoal a respeito das idéias platônicas? Se não é capaz de ver isso e estudar de algum modo então nunca estudou filosofia platônica, estudou a obra de Platão. Todo o ensino de filosofia do Brasil é estudar a obra. E não é somente estético, é um estudo histórico-cultural, como fenômeno cultural. E você vai inventando várias teses para explicar o fenômeno, a obra, vai explicar como aquilo aconteceu. Mas e o “de quê?” ele estava falando? O “de quê?” passa tão longe do assunto... Por isso é possível hoje que se faça toda uma carreira filosófica sem que seja lhe colocado um único problema filosófico a sua vida inteira. Então você vê como é ruim estudar a história da filosofia. Isto pode te vacinar contra a filosofia.

Porque você se acostumou a adquirir obras inteiras sem pensar, sem participar da problemática delas.

Agora, você estuda toda a história da zoologia, lê as obras de Aristóteles, de Plínio o velho, chega em Dupont, Cuvier, Charles Darwin, tem toda a história. E agora vai explicar o fenômeno cultural: *Charles Darwin era da classe média, o outro da aristocracia, o outro falava em inglês, etc.* Quando terminar o que você vai estar sabendo sobre bicho? Nada. Neste caso a distinção é fácil de entender. Mas a distinção análoga existe com relação à filosofia. Se você não tratou dos problemas filosóficos mesmo, você não sabe nada de filosofia. Por outro lado é possível fazer muito boa filosofia sabendo quase nada de história da filosofia. Aliás, quase nada. E a maior prova disso é que grande parte dos filósofos filosofou exatamente assim, sabendo muito pouco de história da filosofia. Então, quando Aristóteles começa os estudos de história da filosofia faz isso não como historiador e sim como filósofo. Ele vai usar o estudo das filosofias anteriores para dialetizar o problema do qual ele está tratando. Para que ele faz isso? Para pegar as idéias dos outros e integrar em seu próprio raciocínio de maneira a não ter que inventar todas as etapas da discussão. Se a discussão já passou por todas essas etapas então não preciso pensá-las como hipóteses, porque elas já existem efetivamente. Em vez de ter que inventar a tese, a antítese, pego o que já existe. Em Aristóteles a história da filosofia não é autônoma, está integrada no próprio método filosófico. Na verdade a história da filosofia só aparece mesmo no século dezenove. Se fosse tão necessária simplesmente não teria havido filosofia. Agora, tão logo aparece a história da filosofia, o que faz Hegel? Reduz a filosofia à história da filosofia. É claro que esse é o típico caso do cara que fica impressionado com uma novidade e esta o hipnotiza. Independente dele, a idéia de você reduzir a filosofia à história é resultado do impacto da descoberta de uma nova ciência. Quer dizer, o cara descobre a ciência histórica e estuda a filosofia através dela, mas daí você lhe pergunta o que isso tem a ver com o que estava sendo dito antes. Não tem nada a ver. Eu acho que as idéias têm um poder tremendo, o sujeito descobre uma coisa dessas e aquilo o impressiona muito, e cria um emblema, um esquema mental que parece abarcar toda a sua experiência. Mas passado algum tempo você vê que isso tudo foi uma ilusão. Que não é bem assim. Aquilo pode ajudar mas não resolveu tudo. Por exemplo, quando apareceu a teoria da evolução. Mal ela apareceu já queriam aplicá-la a tudo e tudo tinha que ser resolvido pela teoria da evolução. O marxismo é a mesma coisa. Isso tudo vai gerar aquela separação esquizofrênica entre as idéias culturalmente admitidas e a vida real. Porque ninguém na vida real, ninguém, descobre que nada era do jeito que ele tinha pensando. Ninguém descobre um mundo novo na vida real. Tudo que você vai encontrando vai se encaixando na continuidade da sua biografia de algum modo. Sujeito que diz que foi lá, fez isso, e nasceu de novo. Sim, você nasceu de novo, mas não quer dizer que apagou a sua vida anterior. Você adquiriu um novo domínio sobre ela, mas ela está lá, e ela pesa. Você vê que na vida real nós não admitimos essas iluminações desse tipo. Então como que historicamente seria possível assim: *abriu-se um panorama totalmente novo, cesa tudo que a musa antiga canta?* Isso acontece por um motivo muito simples: o sujeito está chegando agora, sabe só um pouco do que foi feito antes, e para ele aquela idéia nova é totalmente absorvente. Mas isso só por ignorância do passado. E também porque na vida real, na nossa vida cotidiana, nós temos que responder pelos nossos atos, mas não respondemos por nossas filosofias. Você pode enunciá-las que seus efeitos serão sentidos só pelas gerações vindouras. Você não vai precisar pagar. Quer dizer, *falar é fácil*. O sujeito falou tudo aquilo lá, agora, o que vai decorrer disso daí? Bom, ele não vai estar mais vivo. Isso significa que o modo de fazer filosofia já está completamente separado da ética de responsabilidade da vida diária. E isto é característico do mundo moderno.

Eu sei que a partir de René Descartes desanda mesmo, a filosofia vai se tornando invencionice. O discurso ganha vida própria. O que está nos salvando disso é justo a proliferação dessas invenções. Elas estão se sucedendo com tamanha velocidade que nós não nos imprecionamos mais com isso. É aquele negócio da nova chave de tudo. Mas se a sua chave funciona deve ser capaz de explicar os problemas anteriores também. Como é que você vai, com a nova chave hegeliana resolver os problemas da física? Mas você não resolve. Esses problemas

de física faziam parte da filosofia ainda ontem, você que decidiu falar de outra coisa. Não é uma nova chave, é um novo assunto apenas. Agora, se você se colocar responsabilmente os problemas anteriores também e for carregando um por um com todo o peso que eles têm até você conseguir resolvê-los e poder se posicionar pessoalmente, então aí sim a visão da sucessão histórica que você vai ter vai se aproximar do real. Você estará lidando com problemas reais com que pessoas reais lidaram. Não está se fechando em um esquema histórico fácil que acabou de entrar no seu imaginário, inventou uma lei dos três estados que de repente sintetiza toda a história universal. Até mesmo porque a idéia de sintetizar a história universal sem tê-la conhecido é absurda. Como é que ele sabe que a vida passa por esses três estágios se na maior parte das vezes nem sabe? Então, sobretudo, por que buscar essas novas chaves universais? Claro que existem chaves, mas para coisas específicas. Aí você restaurando isso e reconquista a idéia de tradição e continuidade filosóficas. Quer dizer, você ainda está participando da mesma discussão de que seus antecessores estavam, não mudou radicalmente de assunto. Daí se cria a possibilidade de uma efetiva evolução histórica, como existe uma evolução de Platão a Aristóteles, eles estão falando da mesma coisa. Quando um fala que sim e o outro fala que não, estão falando da mesma coisa. Mas essa evolução só durou três gerações, Sócrates, Platão, e Aristóteles.

Então, de quantos fatos você pode falar de uma evolução dessas? São poucos. Agora, nós podemos imaginar o que teria sido a filosofia se essa evolução continuasse. Ou seja, morre Aristóteles e os caras conservam esse legado todo e continuam investigando aqueles assuntos. É evidente que teríamos andado muito mais depressa. Agora, não vale dizer que não podia ser assim, tinha que ser de outro jeito, porque isso ninguém sabe. O sujeito tem a obrigação de tentar fazer aquilo do melhor jeito possível sem prejudicar se o destino vai amarrar sua mão ou não.

**Mas isto só pode ser plenamente reconhecido por quem seja também sábio ou por aqueles que, não o sendo, se coloquem na perspectiva adequada para enxergar a sabedoria em vista de realizá-la no futuro. São estes os que se denominam “filósofos”. Platão dizia-os “amantes de espetáculos”. Nem todo aquele que pode apreciar a prática de um esporte ou de uma arte está em condições de praticá-los pessoalmente. Mas a apreciação é condição indispensável para a prática futura. Aquilo que você não pode sequer ver, você não pode possuir e muito menos incorporar em você como qualidade pessoal. Filosofia é visibilidade de uma sabedoria a realizar.**

Agora, vamos fazer a hipótese contrária, vamos supor que a sabedoria não existe e que a natureza nada diga, que isso é uma criação cultural grega. Este é um pressuposto que hoje é tido como óbvio. Ninguém mais vai se preocupar com a busca da sabedoria, evidentemente. Você vai estudar a evolução do pensamento grego, da cultura grega, fazendo abstração do problema da sabedoria, o qual constituía o núcleo da filosofia grega. Ou seja, vai estudar tudo menos o que interessa. Qual é a solução? A única solução é você se colocar de novo os problemas da filosofia. Ao invés de partir do princípio de que nada disso existe e que foi tudo uma criação cultural grega, você pode até chegar a essa conclusão com a condição de que possa sustentar isso racionalmente. *Fui investigar a tal da sabedoria e descobri que ela não existe, o universo é mudo, é composto de matéria totalmente inerte, totalmente estranha a nós, não tem nada a ver com nosso discurso anterior, existe um abismo entre o homem e o universo.* Você pode até chegar a essa conclusão, mas vai ter que fundamentá-la. Mas, pergunto eu, se isto é uma questão fundamental de filosofia da natureza, então você não poderá entender o que se passou na tal da cultura grega sem que se coloque um problema fundamental de filosofia da natureza. O que você deveria fazer? Interromper seus estudos de história da filosofia e resolver esse problema. E daí você chega a uma conclusão, e entende o que se passou na Grécia, e quando eu passar para a etapa seguinte, onde vai haver uma filosofia da revelação, daí você vai dizer que revelação não existe e Deus também não existe. Aí é o caso de te questionar, porque tudo de que os caras falaram não existe e, não obstante, você está estudando a obra deles e está entendendo, partindo do princípio de que só falaram do que não existe. Agora, como é que você sabe que não existe se nunca foi lá ver. Que prática você tem? Todos consultavam oráculos na

grécia, Platão consultava, Aristóteles consultava, portanto acreditavam que a natureza falava. Então vou parar de ler aqui e vou ver o jogador de búzios, o astrólogo, para ver se entendo do que o grego estava falando. O negócio da astrologia foi assim, eu vi que ela era referência constante desde os gregos até pelo menos São Tomas de Aquino, século XIV, XIII. Se você não tem nenhuma idéia disso não vai entender do que estão falando. E alguns anos de estudo me mostram que as pessoas realmente não entendem. É a idéia de que os gregos, ou os medievais, viviam em um universo físico como aquele que é imaginado hoje, composto de puros objetos regidos por leis matemáticas óbvias e que não significam nada. Mas quem imagina isso assim sou eu e não o grego. Então se não sou capaz de me posicionar em face do universo dele significa que eu só o conheço pela mente do grego, não tenho nenhuma experiência direta daquilo, só sei de ouvir falar. Então também não sei nada. Daí a necessidade do posicionamento pessoal. A questão da interpretação do simbolismo da natureza é uma questão fundamental para toda a história da filosofia. E, no entanto, nunca vi nenhuma referência a isso em qualquer história da filosofia. Porque se o sujeito for professor de história da filosofia e você colocar isso para ele, vai achar isso tão estranho, que isso talvez possa ser estudado em antropologia.

Para entender o que estavam falando, tem que entender o “de quê?” estavam falando. Esse “de quê?” de que estavam falando era perfeitamente real para eles, existia no mundo, não em suas cabeças, e nem era produto cultural. A natureza que o oráculo consultava não era uma natureza inventada, era a natureza de fato. Aquele negócio de que para que lado vai o pássaro, para a direita significava uma coisa, e para a esquerda significava outra, isso existia para eles, não era produto cultural. A sociedade moderna é que encara como produto cultural, como invencionice, como um cenário inventado. E hoje em dia você tem mais processos oraculares do que os gregos. Desde a década de sessenta isso voltou à moda, graças aos hippies, entre outros. Eu digo que é ótimo, porque isso facilita. Por exemplo, se você era um estudioso da década de trinta e queria ver um oráculo ia ter dificuldade para achar. Hoje você abre o jornal e vê um monte de anúncios. Claro que podem ser apenas imitações de oráculos, mas em algum lugar você vai ter que começar a procurar. Podem ser degradados, mas em algum lugar você vai ter que começar a procurar. Se existe uma forma degradada é porque existe a forma originária, autêntica. Então você teria que começar por ver isso aí. Agora, o historiador de filosofia pode achar que isso vai levá-lo para longe do assunto, porque ele já delimitou o assunto como história do que os sujeitos pensaram independente da coisa na qual pensaram. Mas em que sentido você pode usar a palavra compreender em relação a um discurso sem ter a menor idéia do “a quê” que aquilo se refere? Se eu só conheço a referência do discurso sem ter nenhum indício, seria a mesma coisa que um delegado ter que julgar o testemunho de alguém sem poder fazer qualquer averiguação fora do testemunho. *O cara disse que o sujeito estava aqui e deu um tiro lá mas eu não posso fazer um teste de balística, tenho que me ater ao exame interno do testemunho.* Mas assim você não vai longe. Então se o grego falou isso e aquilo sobre a natureza e não tenho meios de obter uma outra versão desse testemunho, então vou morrer sem saber do que ele estava falando. Todo esse problema astrológico é absolutamente fundamental, porque esse era o modo básico de discurso da natureza que os conheciam, e sem pelo menos esse aqui você não vai dar um passo. Então surge aquele famoso problema: esses fenômenos astrais têm algo a ver com o que se passa aqui? Sim ou não? Não sei. Se eu não sei então eu não vou saber se o grego estava louco ou não quando estava falando isso. Porque se ele não sabia eu também não sei. Então você tem que ter um acesso direto ao problema independente do que o grego falou. E colocando problemas desse tipo que cheguei na tripla intuição. Na ligação essencial que existe entre o fenômeno da luz física, da luz solar, e a autoconsciência humana. Para resumir, o homem de Neanderthal não tinha luz elétrica, nem fogo, nem nada disso. Quando tem sol ele enxerga, quando não tem ele não enxerga. Então na hora que ele percebeu que existe luz, é nesse instante que ele tomou consciência da diferença entre enxergar e não enxergar. Antes isso acontecia só que não tinha se tocado disso. Aí você tem um exemplo da junção inseparável entre um tipo de intuição intelectual e um fenômeno físico, que é o quadro físico dentro do qual aquilo acontece. E, prosseguindo esse raciocínio, você vai vendo uma série de outras descobertas que o homem foi fazendo que são apenas a tradução

intelectual da estrutura do próprio universo físico. Então, nós não pensamos com palavras, nós pensamos com o universo físico. Ele é a nossa linguagem. Os elementos, o sol, a lua, a pedra, isso é que é o nosso pensamento. Você só consegue pensar quando isso tudo já está dentro da sua mente. Então esses são os materiais com os quais nós pensamos. Não é nem com as nossas percepções, mas com as próprias coisas. Agora, entre esse primeiro filósofo e o René Descartes, que pensa que o pensamento dele está totalmente separado do universo, rolou muita água e o ser humano emburreceu formidavelmente. O fenômeno de urbanização exerce uma certa influência, mas uma coisa é você se proteger de parte do universo físico e outra coisa é esquecer que ele existe. Mas para que serve a tradição cultural se não para te lembrar de que essas coisas com as quais você não tem contato direto existem? Só que chega uma hora em que a tradição cultural, ao invés de te lembrar, te isola, porque ao invés de te chamar a atenção para o real, ela chama para ela mesma. E aí começa a anti-educação. E o mundo como idéia. Chega uma hora que a cultura não fala mais de pedra, e sim da palavra pedra, e como se escreve a palavra pedra. É claro que tudo isso são realidades, só que realidades de segundo grau. Mas isso é reconquistável a qualquer momento por qualquer um, é fácil de reconquistar. Hoje em dia se estuda filosofia como se tudo isso tivesse se passado na mente humana, mas isso se passou no planeta Terra. Se passou num lugar físico, e as pessoas estão falando dessas coisas físicas, deste mesmo mundo onde vivia o homem de Neanderthal, viveu René Descartes, e vivo eu. E é com esses elementos que nós estamos pensando. Quando o sujeito vê as expressões “luz do espírito” ou “luz inteligível”, você não ficaria sabendo de nada disso se não existisse luz mesmo. Não é uma figura de linguagem, você não está usando a luz exterior para simbolizar a luz da mente, mas ao contrário, a sua mente só adquiriu essa inteligibilidade porque existe esta luz aqui. Isso aí seria o materialismo total. Tudo aquilo que não existe materialmente não existe espiritualmente também. E o que é o Espírito? Ele é a própria presença do Ser. O Espírito não é uma outra coisa, não é imaterial nem material, ele é a presença do material, é a presença de tudo. Aquilo que é material só está presente em certos momentos, mas sempre está presente alguma coisa. Nós não temos a experiência do nada. É isso que a gente chama de espírito, é “material”, uma coisa presente. Agora, para acharmos o espírito fazemos a caminhada inversa. Abstraímos do mundo material e queremos procurar o raio do espírito que está lá no cafundó do Judas. Você não vai achar nunca. E Deus também não. Esse então é que você não vai achar nunca. Então você no primeiro capítulo de história da filosofia se defronta com esse problema de filosofia da natureza.

**Bruno Tolentino escreve no quadro, e depois diz:**

**Sir, I find extremely odd  
that that single tree  
should continue to be  
when there's no one around in the quad**

**Dear Sir, I'm always around in the quad  
So that's why that tree  
Will continue to be  
Yours, sincerely  
God**

**W. H. Auden**

**O mundo material está presente ou não, mas o espírito está sempre lá.**

E a presença material é uma forma de presença apenas, esta não se dá dentro do nada. Algo sempre está lá.

Então o primeiro capítulo de história da filosofia te coloca de cara com um problema de filosofia da natureza, com o problema do discurso da natureza, e no fim o que você faz é acabar anulando o discurso humano dentro do discurso da natureza. Porque o nosso discurso não é senão a própria realidade falando. Quando, ao longo dos tempos, você vai vendo que a filosofia se afasta cada vez mais disto até entrar no jogo do pensamento que pensa o próprio pensamento e analisa o próprio pensamento, a não tem mais nada a ver com o universo em torno... Onde esses caras foram parar!? E, sobretudo, que importância tem tudo isso? Que importância tem o cogito cartesiano? Não tem nenhuma. Isso é apenas um engano. Então é claro que a filosofia se deteriorou muito. Essa deterioração é a própria história da cultura. Claro que você como cidadão privado pode escapar de todos esses erros. Basta você não pensar em nada disso que você vai continuar instalado dentro desse mundo real aí. Agora, na hora em que você começar a falar, o seu discurso não vai seguir a experiência originária, vai seguir o que a cultura te ensinou. Você vai viver na verdade e falar a mentira. Então toda essa cultura moderna é, na base, uma cultura da mentira, porque ensina as pessoas a falar do que elas não sabem, do que não vêem e nunca do que vêem. Mas é fácil você remontar uma situação, onde os filósofos estavam falando daquilo que eles viram. Está na cara que Platão e Aristóteles estavam falando de coisas que eles viram, de coisas reais. A verdadeira filosofia é a que expressa a expressividade do mundo. Agora, eu pergunto como é que teria sido possível eu alcançar esse resultado de que a realidade expressa alguma coisa pelos meios da filosofia universitária? Nunca. Por aqueles métodos você não chega. Tem que inventar outro caminho completamente diferente. Claro que a gente pode injetar isso de fora no meio acadêmico universitário e isso dar em alguma coisa, mas de lá de dentro isso não poderia sair. Iam me dar tanto trabalho, me obrigariam a pensar em tantas outras coisas que estão no programa deles, que eu não ia conseguir pensar tudo isso aqui. Iam querer que eu fizesse estudos sobre a lógica de John Stuart Mill, mas eu não quero saber da lógica de Mill, quero saber se a natureza fala. Iam achar que eu estou doido. *Mas é disso que os gregos estavam falando, e eu quero entender, você já chegou no Mill mas eu ainda estou nos gregos, e eu quero entender do que eles estavam falando para depois chegar no Mill e eu entender também do que ele estava falando.* Só que quando você faz isso, vai seguindo essa estratégia, vai ver que eles estão falando de cada vez menos. A falta de assunto da filosofia é um negócio monstruoso. E, automaticamente, os temas fundamentais da filosofia originária vão sendo perdidos e vão sendo jogados para a lata de lixo da cultura. Então esse tema aqui se você quiser vai ter que ler no Paulo Coelho, foi o que sobrou. Ele pelo menos tem o mérito de ainda estar falando disso, falando bobagem, mas está falando. Ainda é o mesmo assunto. Não é tanta bobagem, é uma coisa real, mas só que está fora da história da cultura, não tem função dentro dela. E a Nélide Piñon, está na cultura, mas não está falando de nada. Vamos seguir.

**O fato de que, ao longo da história, os elementos dessa síntese tenham se separado ao ponto de hoje ser difícil concebê-los juntos na identidade de um homem não modifica em nada a definição originária da filosofia, mas sugere apenas que o nome *filosofia* foi sendo atribuído a coisas que ficam muito aquém das ambições dos primeiros filósofos. A ciência e a essência, por exemplo, entraram em antagonismo desde que Kant proclamou a impossibilidade de conhecer o que quer que seja para além dos fenômenos ou aparências.**

Toda a ciência do século XIX e XX é uma ciência de aparências, de fenômenos. Ela procura descrever os fenômenos tal qual se relacionam uns com os outros independente de haver um substrato real sob aquilo ou não. Então, a partir daí, você raciocina por modelos que são obtidos pela junção mais ou menos fortuita de dados. Fortuita por quê? Porque a hierarquia do ser humano depende da essência. Eu só posso saber se um fenômeno é importante em função da essência. O fenômeno por si mesmo, está tudo chapado. Então, como não tem mais essência, agora a ciência substitui a essência. A ciência inventa o seu objeto convencionalmente, e a importância maior ou menor dos dados passa a ser selecionada em função das necessidades da

ciência. Isso é assim em toda a ciência atual. Então esses recortes que você faz, pode acontecer perfeitamente de eles serem puramente casuais. Você nunca vai saber, porque você saberia só se tivesse somado todos os fenômenos, articulado de todas as maneiras possíveis, e daí recompor a descrição total do fenômeno, que é uma idéia absurda.

Aluno: isso já não estava presente com a idéia da filosofia como serva da teologia?

Olavo: estava. Estava sim. Essa é a razão da catástrofe. É a separação entre ciência sagrada e ciência profana. Se você tem uma ciência que veio do alto, e outra que você obtém pelos sentidos, e se as duas têm que proceder separadamente, já está dado o kantismo. Esse foi o problema. Quer dizer, não foi a ciência, foi a própria Igreja. Por quê? Porque, se Deus dá autoridade para os caras da Igreja, eles são os autores da história. Eles têm o poder mesmo. Só eles que podem errar. Os erros de baixo vêm deles. É o chefe que erra. Como Adão, que era o chefe. Era o primeiro de todos, e ele que errou. Não foi uma coisa de fora que foi destruindo a Igreja, foi uma decisão interna, foi um erro da própria Igreja, e que deve-se consertar. Eu sei que se você falar isso para o Orlando Fedelli, ele vai dizer que você é herege, pois está dizendo que a Igreja errou. Mas não é assim, porque a Igreja não errou moralmente, errou historicamente. Não é um erro moral, e nem doutrinal. Porque realmente existe essa situação, mas ela é empírica. Não tem jeito de você delimitar, de fazer uma separação rigorosa entre ciência profana e ciência sagrada. *Isso é objeto de ciência natural e aquilo é objeto de revelação.* Essa decisão só existe na prática, na teoria não existe. Onde termina a ação de Deus na natureza? Porque para você fazer uma distinção rígida entre ciência sagrada e ciência profana, precisa colocar limites à ação divina. Aqui termina a ação de Deus e começa a ação de algo chamado leis da natureza, que é uma criatura. E se parar a ação de Deus ela some na mesma hora. Então isso quer dizer que a ciência sagrada não tem limite. A zoologia também é ciência sagrada. A geologia também. Mas acabaram dando estatuto teórico a uma distinção meramente prática ou funcional. Se a filosofia pega você e leva até o Cristo, Este, de lá, o que Ele faz, até onde vai? Ele pára na porta da filosofia e fala que é domínio profano e não entra? Claro que não. De fato esse abismo kantiano está dado aí, que é o negócio de Inocêncio III, ciências sagradas e ciências profanas. Foi um corte epistemológico. Por isso que esses Orlandos Fedellis estão errados ao falar que é uma conspiração contra a Igreja. Não é, é muito pior do que isso, é algo que começa lá em cima e que nós aqui podemos mais ou menos ver mas não podemos consertar. Seria preciso um Papa que unisse as duas pontas, se o Papa perceber isso aí. Não é um erro absoluto, é relativo, é erro sob certo aspecto. Mas também tem outra coisa, esse negócio da obediência do católico à hierarquia faz com que as pessoas fiquem com medo de pensar uma coisa dessas. Isso quer dizer que se o Papa errar, todos vão errar atrás dele. A progressiva abdicação que a Igreja faz de conduzir historicamente e intelectualmente o mundo é um negócio incrível. A partir do século XIII ela vai dizendo adeus. Outros começam a desenvolver coisas que ela não entende direito, e ela quer julgar de acordo com a letra. Mas se você entendesse a coisa por dentro, você não teria que fazer a comparação externa. Você entrava e transfigurava, retrabalhava. Você não vai poder acusar o erro sem resgatar a verdade que responde a esse erro. Um documento maravilhoso é a apreciação que São Roberto Belarmino fez das obras de Galileu. Você vê que esse ainda tinha cabeça, porque a crítica que ele faz a Galileu está inteiramente certa. Ele é um cientista mil vezes melhor que Galileu. Ele entendeu o que Galileu tinha entendido e entendeu mais adiante. A primeira observação que ele faz é que o Sol não é o centro do Universo, e de fato não é. Para Galileu era. E ele dá uma idéia da relatividade dos pontos de vista. Ele estava quase na física do século XX. Ele fundamenta, inclusive no sentido próprio e correto, a idéia de o mundo ser infinito. Mas a partir daí você não encontra mais essa capacidade, e mesmo São Roberto Belarmino já fala com muito cuidado, muita prudência, com medo de estar dando palpite num trecho que não entende, quando devia ter mandado os burros se calarem, pois estavam chegando naquela hora. Mas ele não tinha tanta certeza. Quer dizer que já não havia uma intelectualidade católica capacitada para lidar com esses problemas. E, a partir daí, vai lidando cada vez menos. Então, a coisa começa

realmente em cima. E é isso que dá a medida da gravidade. É como se lá no topo um pequeno canalzinho se fechasse, e depois se fecha outro, depois outro, e assim por diante. Claro que quando falamos disso, estamos defendendo a Igreja e não atacando, mas a maior parte dos católicos vai achar que estamos sacaneando. Aí vem Leonardo Boff de um lado, Orlando Fedelli de outro. É melhor nem falar para todo mundo. Isso já virou esotérico, não se pode falar, é mensagem secreta.

Uma das consequências é que, quando se forma a ciência da economia, esta se forma na base do homo economicus. Que é o homo economicus? É um bicho que não existe. Ele é um cidadão que só age em vista de finalidades econômicas racionais. Ninguém faz assim. Todos agem segundo valores extra-econômicos, às vezes totalmente irracionais. Você pode comprar algo sem nenhum motivo racional. Despedir empregado também, sem nenhum motivo racional. Há uma estória sobre o Chateaubriand assim: *ele ficava até altas horas trabalhando, e ligou para o porteiro e deu uma ordem e o cara achou que era trote e mandou ele tomar no cú. O Chateaubriand desceu com uma arma e o cara na mesma hora lembrou que ele era o chefe, que era só mandar embora, e assim foi demitido.* Não precisa matar o cara, demite ele. Decisões que têm efeito econômico podem ser tomadas por motivos extra-econômicos totalmente irracionais. Mas toda a ciência da economia é feita om base nisso aí. E o que faz o socialismo? Simplesmente transfere a função de homo economicus do indivíduo humano, que pelo menos tinha base física real, para o Estado. A conduta econômica racional é uma abstração, e agora nós temos uma abstração econômica praticada por uma abstração jurídica. Então os liberais falam mal dos socialistas, mas quem inventou o homo economicus foram eles. Os caras simplesmente socializaram o homo economicus, que é uma idéia quase que automática. O indivíduo é irracional, é anárquico, então tem que ter uma entidade mais racional do que ele para controlar a economia. Isso é praticamente um corolário lógico. Na hora que surgiu a teoria liberal surgiu o socialismo na mesma época. E não obstante o capitalismo já funcionava há três séculos sem nenhuma teoria liberal. Mas esta já é uma ciência kantiana quando começa.

**Ciência e consciência também já não parecem ter nada a ver uma com a outra desde que se admitiu a noção de ciência como um conjunto de registros padronizados que podem ser adquiridos mediante puro adestramento de aptidões cognitivas isoladas, sem qualquer comprometimento da personalidade total. Isto produz como seqüela a ruptura de ciência e existência: a ciência torna-se o desempenho de um papel social nas horas de expediente, sem relação com a vida íntima da autoconsciência. E assim por diante.**

**Da filosofia antiga e medieval para a moderna e pós-moderna, isto é, na passagem da filosofia como antevisão da sabedoria para o conceito atual da filosofia como profissão e disciplina acadêmica, houve portanto uma troca da figura centrípeta, onde os quatro elementos convergiam na direção da sabedoria:**



**pela figura centrífuga, onde os quatro elementos se afastam uns dos outros e se negam reciprocamente.**



Mas é claro que esses quatro elementos, à medida que se afastam, perdem sua própria substancialidade. A essência já não é mais essência, a existência já não é mais existência, a ciência já não é mais ciência, e a consciência já não é mais consciência. Então isso é um prodigioso emburrecimento da humanidade. E no entanto tudo isso é reconquistável a qualquer momento por qualquer pessoa que queira conquistá-lo. Basta colocar o problema e ir em frente, pois se até eu que sou burro descobri isso aí, qualquer um pode. Não é difícil isso aí. É simplesmente ter a idéia e a coragem de fazer. O problema não é inteligência, é coragem. *Os caras estavam falando disso há muitos anos atrás. E se for verdade?*

**Admite-se como coisa líquida e certa, hoje em dia, que essa mudança se explica e se justifica pelo progresso da inteligência crítica, que dismantelou as antigas pretensões do saber unificado e habituou as pessoas a buscar conhecimentos mais modestos e mais seguros em campos mais limitados do conhecimento.**

A inteligência crítica, por exemplo, o que é? É uma inteligência que pensa sobre si própria e que se critica a si mesma à margem do objeto do qual ela está falando. Por exemplo, o sujeito raciocinando dentro de sua própria cabeça, começa a falar que não pode haver um discurso da natureza por isso e aquilo e aquilo outro, tudo por pura dedução lógica, mas também não vai lá para ver. A natureza não é testada. Ou seja, isso é um racionalismo levado às últimas consequências sem o mínimo de elementos empíricos que deveria ter. No caso da astrologia, como é que ela vai sendo rejeitada? Por motivos exclusivamente apriorísticos, e não científicos. Porque a primeira pesquisa científica que tentou validar ou invalidar a astrologia foi feita no século XX, mas ela já estava rejeitada há quatro séculos. Ninguém pensou em averiguar se ela existe ou não. E isso é um escândalo. É a partir dessas coisas que você vê que o diabo existe. É o elemento que vem e tapa a consciência não de um ou dois, mas de gerações inteiras. Nenhum ser humano consegue fazer isso. Quer dizer, existe um obstáculo cognitivo, que não é um obstáculo passivo, uma dificuldade inerente ao assunto, é um obstáculo ativo que se opõe à inteligência humana. O príncipe das trevas, príncipe das mentiras, que está aí para tapar e impedir você de ver algo, porque é proibido, porque não pode, porque não existe.

**Mas, se um juízo qualquer não pode se alegar verdadeiro pelo simples fato de ser ambicioso, não se tornará mais verdadeiro pelo simples fato de ser modesto.**

Isso aí já é óbvio. *Isso é muito ambicioso, é melhor não saber.* Mas a possibilidade de errar no modesto é tão grande quanto a de errar no ambicioso. É como o sujeito que aposta menos. Mas apostando menos as suas chances de ganhar não são maiores do que apostando mais. Você simplesmente vai perder menos, se perder. Não te dá o domínio da situação. Diminui o prejuízo, mas não aumenta a margem de acerto.

**Ademais, os elementos separados que resultam do afastamento centrífugo nunca se tornam completamente independentes, pois o quadro unificado que lhes dá sentido permanece como plano de referência no fundo, apenas reduzido a um esquema**

**normativo “ideal” e “irreal” que, se não pode ser dispensado de todo, nem por isto é reconhecido como conhecimento efetivo.**

Ou seja, não existe essência mas continuamos falando do significado dos conceitos. Não existe ciência mas continuamos procedendo como se existisse. Também não existe consciência mas continuamos procedendo como se tivéssemos uma. E assim por diante. Vira tudo um “como se”. Você não pode pensar totalmente nesses conceitos, você começa a usá-los apenas como referências ideais. Mas eles nunca vão embora totalmente.

**Este não é o menor dos paradoxos da moderna ciência acadêmica, onde o esquema normativo sobre o qual se erguem os critérios de validade do conhecimento não é considerado ele próprio um conhecimento, muito menos um conhecimento válido.**

**De outro lado, uma evolução histórica não é, por si, prova da validade dos resultados a que conduziu. Que as coisas tenham tomado determinado rumo não significa que esse fosse o único ou o melhor rumo possível, se bem que o ensino universitário, ao mesmo tempo que professa aceitar a irreducibilidade kantiana do valor ao fato, deduz dessa mera sucessão de fatos um juízo de valor segundo o qual as vias de conhecimento que foram abandonadas no curso do tempo devem ser condenadas como inferiores, superadas ou mesmo pecaminosas.**

**Da nossa parte, vamos aqui ignorar solenemente esse preconceito, pois o que nos interessa não é aquilo em que a filosofia se tornou historicamente, no curso de uma evolução a que só um injustificável pressuposto metafísico poderia dar o caráter de coisa necessária e insuperável, e sim o que a filosofia tem de ser necessariamente, como essência supratemporal, para poder sofrer essa evolução ou qualquer outra evolução temporal concebível. Pois, das duas uma: ou aquilo em que a filosofia se tornou conserva algo do que ela era originariamente, e neste caso há uma essência que transcende e abrange essas duas formas temporais; ou as múltiplas coisas que hoje se denominam “filosofia” já nada têm a ver com a filosofia antiga e portanto a evolução que levou desta àquelas deve ser considerada uma simples sucessão empírica de fatos sem conexão lógica íntima, e cujo conhecimento pouco ou nada nos revelará sobre o que é a filosofia, cabendo inclusive dissolver este conceito numa multidão de coisas díspares. Mas, neste último caso, não se vê como meros fatos intelectuais inconexos poderiam se erguer como critérios de valor para julgar e impugnar a filosofia antiga, mesmo em nome de uma suposta noção de “progresso”, que, nessas condições, perderia todo conteúdo conceptual identificável. Portanto, ou o estado atual da filosofia é apenas o resultado de uma evolução lógica (se bem que não necessariamente a melhor ou a única possível) do próprio conceito originário de filosofia, nada significando sem referência a este, ou então ele não tem nada a ver exceto empiricamente com a filosofia antiga e não pode servir de base para julgá-la. Em qualquer dos dois casos, o primado da essência da filosofia sobre suas manifestações temporais é resolutamente afirmado, ainda que inconscientemente ou a contragosto.**

Não tem escapatória. Para qualquer lado que você vá a base do problema é o projeto originário de filosofia. E, se você não entender este, não vai entender o que vem em seguida, e nem vai saber se há conexão lógica ou se não há. Porque toda conexão lógica é entre algo e algo. Então tem que entender os dois termos. E se não há conexão lógica você também não vai perceber porque não conhece um algo e o outro também não. Como é que você vai saber que estão desconectados logicamente?

Então, não há história da filosofia sem uma compreensão profunda do projeto originário, e esta é a compreensão da noção de sabedoria, e a compreensão desta última não somente como dado cultural da antiguidade, mas como uma doutrina que pode ser verdadeira ou falsa e que exige o seu posicionamento pessoal.

Para esclarecer essa essência, temos de partir da sua concepção originária como visibilidade da sabedoria ou contemplação da *imago Dei*.